



## XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

Desafios da Gestão Universitária no Século XXI

Mar del Plata – Argentina

2, 3 e 4 de dezembro de 2015

ISBN: 978-85-68618-01-1

### A CONTRIBUIÇÃO DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO ENSINO UNIVERSITÁRIO

**ANA LUIZA FREIRE DE LORENA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
[anaflorena01@gmail.com](mailto:anaflorena01@gmail.com)

**MARIA LUCIA SILVA PINHO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
[mlcherry@ig.com.br](mailto:mlcherry@ig.com.br)

#### RESUMO

A Programação Neurolinguística, ou simplesmente PNL, é uma técnica que objetiva a excelência das relações humanas através do treinamento dos nossos pensamentos e, conseqüentemente, das nossas atitudes para melhorar nossos desempenhos na vida como um todo. Através do entendimento de como funciona a mente humana, a PNL nos ensina de que forma é possível modelar os pensamentos para alcançar os resultados almejados. No âmbito educacional, este artigo objetiva propor a aplicação desta técnica pelos docentes universitários em suas aulas, como uma forma de quebrar padrões tradicionais de ensino, de auxiliar na melhoria do aprendizado universitário e de estimular a motivação dos alunos perante o conhecimento acadêmico. Neste ínterim, o presente texto apresenta uma pesquisa qualitativa descritiva dos assuntos estudados, considerando tanto a literatura existente como também casos práticos; resultando, portanto, na percepção de que a Programação Neurolinguística pode ser de fato utilizada na docência do Ensino Superior e trazer benefícios para os alunos bem como para seus professores.

**Palavras-chave:** Programação Neurolinguística, Ensino Superior, Aprendizagem, Relação Professor-Aluno.

---

## 1. Introdução

Não raro são encontradas em salas de aula situações em que alguns alunos apresentam dificuldades para assimilar os novos conhecimentos com determinado professor; porém, diante da presença de outro, a mesma disciplina consegue ser compreendida pelos mesmos alunos de maneira natural. Este fato muitas vezes é reflexo de conflitos na relação professor-aluno, sejam estes explícitos ou implícitos; isto é, o discente normalmente culpa o professor por achar que este está “enrolando” o assunto, ou talvez se apresenta rígido demais, ou não sabe se expressar, entre outros motivos. O professor, por sua vez, culpa o aluno por este não ter interesse em aprender, ou não demonstrar o desempenho necessário para a disciplina, ou porque não entrou na universidade com a base de conhecimento suficiente, etc.

Entende-se que esse conflito na relação professor-aluno pode ter base nas diferenças de classes sociais, culturas, valores e objetivos. Além disto, Santos e Soares (2011) explicam que também é perceptível a influência de avanços tecnológicos que facilitam o acesso à informação, favorecendo ao aluno a obtenção de mais independência na sua forma de aprender. Ademais, os autores também inferem que, conseqüentemente, essas informações podem colocar em cheque o saber do professor e seu papel como “dono da verdade”.

Aragão e Freitas (2012) argumentam que essa dificuldade de relacionamento decorre de tempos; em conversas e depoimentos de pessoas mais idosas, não é raro escutar relatos sobre a rigidez com que tais indivíduos eram forçados a aprender ao serem submetidos a violências física e psicológica, através do uso da palmatória e de castigos. Como consequência disto, alguns alunos apresentavam medo de ir à escola e também ficavam revoltados por serem obrigados a aceitar tantos castigos. Aragão e Freitas (2012) argumentam que a palmatória, o chicote, a vara, as carteiras, os livros, o quadro de giz e outros objetos são representações que fazem parte da cultura escolar deste tempo. Os autores explicam ainda que, a palmatória, por exemplo, representava um símbolo de poder, de hierarquia, de diferenças geracionais e de instrumento civilizatório.

Cária (2013) reconhece que o gerenciamento da sala de aula é um dos grandes desafios dos docentes de forma geral. A autora explica que o ato de ensinar não é simplesmente transmitir conhecimentos; muito mais que isso, representa um processo complexo e dinâmico, exigindo do professor a habilidade de ensinar além da aquisição de qualidades como: dedicação, paciência e humildade. Contudo, Cária (2013) enfatiza que devemos considerar que a relação professor-aluno existe pelas funções do aprender e do ensinar; ou seja, esta habilidade está arraigada, necessariamente, pela necessidade de incentivar os estudantes para o aprendizado.

Dias e Passos (2008), no entanto, corroboram com Cária (2013) e explicam que a Programação Neurolinguística tem sido uma ferramenta aplicada com sucesso na educação, uma vez que representa uma maneira de aprofundar o aprendizado do indivíduo. Trata-se, genericamente, de uma forma de prezar pelo melhoramento das relações humanas; portanto, no caso específico da transmissão de conhecimento de docente para discente, Dias e Passos (2008) afirmam que a Programação Neurolinguística tem sido considerada uma opção para otimizar as aulas e garantir o aprendizado.

Diante deste contexto, esta pesquisa tem como objetivo propor uma reflexão acerca dos benefícios que a aplicação técnica da Programação Neurolinguística pode fornecer para o Ensino Superior. Assim, no decorrer do texto, será explicado como a aplicação da ferramenta pode ser eficiente para a quebra de velhos paradigmas, demonstrando ser útil para o desenvolvimento da docência pelo fato de poder ajudar na renovação das atitudes destes profissionais em sala de aula.

Assim, para a realização do estudo acerca do problema em questão, foi utilizado o método de pesquisa qualitativo descritivo. Consoante Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa descritiva é definida como sendo mais indicada em situações quando o pesquisador apresenta a intenção de descrever as características de determinada população ou estabelecer as relações entre as variáveis; fato que retrata a proposta deste estudo em expor a Programação Neurolinguística como uma ferramenta hábil para melhoria do ensino nas Universidades. Como procedimento metodológico, recorreu-se às pesquisas bibliográficas e aos estudos de casos práticos encontrados na literatura, retratando a aprendizagem e o relacionamento entre professor-aluno.

## **2. Um Olhar sobre a Docência no Ensino Universitário**

Nas universidades, o docente é considerado um profissional múltiplo à medida que é de sua competência não só exercer o ensino, mas também pesquisar, avaliar, orientar trabalhos acadêmicos de pós-graduação, entre outras atividades; precisando, acima de tudo, estar apto para formar profissionais que deverão compor posteriormente o mercado de trabalho. Para tanto, Veiga (2006) explica que a sua formação enquanto profissional do ensino é considerada interdisciplinar, pelo fato de articular conhecimentos científicos, éticos, pedagógicos e experienciais. Assim, a autora explica que a formação de professores “implica compreender a importância do papel da docência, propiciando uma profundidade científico-pedagógica que os capacita a enfrentar questões fundamentais da instituição social (VEIGA, 2006, p. 333)”.

Cunha (2006), por sua vez, entende que na prática a formação do docente nem sempre condiz com o que foi supracitado, conforme destacado por Veiga (2006). A autora nos traz uma visão crítica quando argumenta que o professor universitário tem sua formação tradicionalmente embasada pela legislação e quase que exclusivamente atinente para o saber científico. Portanto, Cunha (2006) infere que todo o seu prestígio é voltado para o ensino e para a pesquisa acadêmica, tornando o docente universitário um profissional valorizado pelas orientações de mestrado e doutorado, por exemplo; bem como pela sua participação em bancas e processos ligados à pós-graduação.

Santos (2001) infere que a prática do ensino em sala de aula deve ser embasada em três pontos principais: o conteúdo no qual o docente é especialista (1), sua visão de educação, de homem e de mundo (2), e sua habilidade para uma efetiva ação pedagógica (3). Contudo, a autora também corrobora com Cunha (2006) ao afirmar que, empiricamente, há uma lacuna no ensino uma vez que os professores normalmente se caracterizam como especialistas apenas; isto é, nem todos conseguem dominar as habilidades pedagógicas e educacionais.

O reflexo da preocupação excessiva com o saber científico reflete nos dilemas enfrentados em sala de aula entre professor e aluno. Corroborando o exposto acima, Behrens (1999) infere que nas últimas décadas do século 20, o ensino superior tem apresentado uma prática pedagógica que na maioria das vezes continua sendo considerada conservadora e tradicional. A autora explica que os professores normalmente tendem a copiar o modelo que conheceram na sua formação e acreditam ser esta a forma correta de lecionar; assim, rejeitam qualquer modelo revolucionário, optando por continuar seguindo o mesmo paradigma a que foram apresentados no início de sua formação pedagógica. Concordando com Behrens (1999), Cunha (2006) afirma que se trata de um comportamento cultural enrijecido de maneira natural; por este motivo, a autora deduz que para intervir nesse processo é necessário que haja muita reflexão e uma desconstrução desta experiência.

Além da preocupação concentrada no saber científico, Behrens (1999) explica que os docentes estão normalmente acostumados ao paradigma newtoniano-cartesiano<sup>1</sup> de transmissão de conteúdo; isto é, modelo em que o aluno se apresenta sempre de maneira dócil e sujeito à absorção do conhecimento de maneira passiva – apenas memorizando e reproduzindo os conteúdos expostos. Contudo, a crescente evolução tecnológica e o fácil acesso à informação tem favorecido aos alunos a aquisição de uma postura mais proativa, exigindo do professor a apreensão de conhecimentos complementares e de novas formas de ensinar. Porém, apesar desta maior autonomia por parte dos alunos, Behrens (1999) ainda questiona se essa cultura do modelo cartesiano de ensino tem sido apaziguada pelo crescimento tecnológico ou não.

Diante deste contexto envolvido por tamanha problemática, Santos (2001) infere que ainda impera como mais importante para o professor universitário acompanhar a real aprendizagem do aluno do que a simples passagem do conteúdo da disciplina, ou mesmo a utilização das técnicas pedagógicas em si.

Outro fator importante destacado pelo autor é a qualidade da relação professor-aluno propriamente dita. Santos (2001) acredita ser de suma importância, pois é essa interação que vai dirigir o processo de aprendizagem. O autor destaca como essa relação é delicada ao considerar que a tendência espontânea do docente é pensar que o aluno não sabe nada – remetendo-nos às análises de Behrens (1999); porém, Santos (2001) explica que, na verdade, o aluno traz consigo gostos, aptidões, saberes anteriores e paralelos e uma vontade de realizar-se através da preparação profissional. Assim, segundo o autor, esse entendimento faz com que o “contrato” entre professor-aluno seja embasado no sentimento de cooperação, favorecendo para que o professor também seja ensinado pelo aluno.

Assim, Santos (2001) nos traz que, em pesquisas da Psicologia Educacional, são as ações do docente em sala de aula que influenciam na aprendizagem dos alunos, e não a sua personalidade. Desta forma, como o docente também associa à sua formação aspectos culturais, sociais e até políticos, há certo condicionamento na relação professor-aluno, tornando o papel do docente ainda mais complexo e ambíguo.

De forma conclusiva, Santos (2001) infere que o importante é o docente conseguir criar um clima de sala de aula agradável; pois, desta forma, explica o autor, será possível observar uma qualidade educacional diferente, com maior grau de absorção, encorajando a cooperação entre os alunos, o *feedback* imediato, o respeito de diversos talentos e as diferentes formas de aprendizagem.

### **3. A Programação Neurolinguística**

Antes de adentrar-se no conceito da Programação Neurolinguística em si, considera-se importante expor uma observação feita por Bandler (2008) quando infere que nossa mente é um composto de duas partes: a consciente e a inconsciente. Segundo o autor, o nosso consciente consiste na parte que analisa, critica, e pensa logicamente; por sua vez, o inconsciente controla as funções do corpo, os batimentos cardíacos, a respiração, etc. Ademais, Bandler (2008) explica que o inconsciente é onde todas as memórias são armazenadas e onde residem a sabedoria, a criatividade, e as capacidades de resolver problemas; neste sentido, quando dormimos, o nosso consciente descansa, porém o inconsciente continua a nos ajudar a processar o que fizemos durante o dia.

---

<sup>1</sup> Definido por Behrens (1999, p. 384) como um pensamento que propõe a fragmentação do conhecimento em áreas, cursos, disciplinas e especificidades; além de propor aos alunos ações mecânicas voltadas para escutar, ler, decorar e repetir o assunto lecionado.

Portanto, a Programação Neurolinguística, ou simplesmente “PNL”, refere-se a uma técnica que trabalha a parte consciente do cérebro, isto é, foca em como se poderia treiná-la para que o ser humano consiga controlá-la ao ponto de, posteriormente, realizar a mudança do lado inconsciente da mente; tornando esta, como um todo, mais harmoniosa e saudável psicologicamente.

Conceituando a PNL, Andreas e Faulkner (1995) nos explicam que ela investiga a excelência das relações humanas através de uma estrutura capaz de modelar a maneira como as pessoas se comunicam, considerando que tais comunicações são capazes de afetar as nossas emoções e, conseqüentemente, os nossos desempenhos. Trata-se de uma forma de conhecer como a mente consciente humana funciona e como a linguagem mental pode ser utilizada para o alcance de boas realizações, considerando que o indivíduo apresenta um programa mental que o impulsiona para o sucesso.

Dias e Passos (2008) e a Sociedade Brasileira de Programação Neurolinguística, ou simplesmente SBPNL (2011), explicam que o termo “programação” é originado da informática, comparando o nosso cérebro com um *hardware* que funciona perfeitamente bem, e os nossos pensamentos com os *softwares* que refletem a maneira como a “máquina” humana se comporta. A partir desta comparação, pode-se considerar que o *software* seria as programações dos indivíduos adquiridas de acordo com suas experiências vividas, havendo a possibilidade de serem positivas ou negativas. A palavra “neuro” é explicada pelos autores como relacionada ao “nosso sistema nervoso e aos caminhos mentais que envolvem os cinco sentidos: visão, audição, tato (proprioceptivo), olfato e paladar” (DIAS; PASSOS, 2008, p. 3). Por outro lado, Andreas e Faulkner (1995) explicam que o termo “linguística” refere-se a nossa capacidade de usar a linguagem, refletindo sua estrutura verbal e não-verbal para representar nossos mundos mentais.

Em suma, a SBPNL (2011) define a Programação Neurolinguística como “um manual de instruções para a mente”; isto é, um modelo que auxilia no entendimento do funcionamento da mente humana, tornando possível a identificação e o aproveitamento das capacidades do indivíduo para alcançar os resultados almejados. Madriz (2008) afirma que a PNL encontra apoio na Teoria Construtivista, uma vez que pressupõe que a realidade é apenas uma criação que parte das estruturas cognitivas humanas, e não uma descoberta.

O surgimento da ferramenta é recente, pois, segundo a SBPNL (2011), surgiu mediante estudos que John Grinder (linguista) e Richard Bandler (psicólogo e filósofo) realizaram na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, em meados da década de 70. Contudo, Cária (2013) afirma que a PNL só se tornou mais conhecida no Brasil no início dos anos 80, sendo posteriormente divulgada e utilizada na saúde, nas organizações, nas negociações e por pedagogos.

Segundo Cária (2013) e SBPNL (2011), os estudos de Grinder e Bandler levaram à conclusão de que pessoas consideradas vencedoras conseguiam superar os obstáculos que lhes apareciam e potencializavam suas qualidades e recursos intelectuais. Assim, os cientistas identificaram que as características que se destacavam nessas pessoas eram a capacidade de tomar decisões e, principalmente, a habilidade para se comunicar. Após a descoberta, a SBPNL (2011) explica que os estudiosos, junto com o hipnólogo Milton Erickson, passaram a desenvolver a ferramenta de forma mais técnica.

Ao longo do tempo em que foi concebida e desenvolvida, foram surgindo pressupostos para sua aplicação, alguns orientados pelos seus precursores e outros por estudiosos à medida que a técnica passou a ser utilizada pela sociedade. Alguns desses pressupostos são:

- **O mapa não é território:** Dias e Passos (2008) argumentam que esta é uma metáfora para inferir que cada indivíduo tem o seu modelo de realidade; isto é, significa que os indivíduos não apresentam um contato direto com a realidade, facilitando com que cada um a veja de forma diferente de acordo com suas experiências vividas. Andreas e

Faulkner (1995) deduzem que, por este motivo, reagimos aos nossos “mapas”, e não à realidade em si.

- As experiências possuem uma estrutura: Andreas e Faulkner (1995) afirmam que nossos pensamentos possuem um padrão (ou estrutura), e quando mudamos esse padrão nossas experiências mudam automaticamente, nos favorecendo a neutralização de lembranças desagradáveis e o enriquecimento do que nos pode ser útil.
- Se uma pessoa pode fazer algo, todos podem aprender a fazer também: esse pressuposto é explicado por Dias e Passos (2008) quando inferem que é possível aprender qualquer coisa caso o objeto a ser aprendido seja abordado de maneira correta, sendo um dos grandes empecilhos do ser humano suas próprias crenças limitantes. Andreas e Faulkner (1995) corroboram no tocante às limitações que o próprio indivíduo lhe impõe, e recomendam que se acredite que tudo seja possível de alcançar, pois se houver algum limite físico ou ambiental, este será mostrado com naturalidade.
- Corpo e mente são partes do mesmo sistema: este pressuposto parte do princípio de que nossos pensamentos afetam o funcionamento de nosso corpo através de tensão muscular, respiração, dores, entre outros. Assim, Andreas e Faulkner (1995) afirmam que quando aprendemos a mudar um deles, mudamos o outro.
- As pessoas já possuem todos os recursos que necessitam: Andreas e Faulkner (1995) explicam que esses recursos são os nossos sentimentos, as imagens mentais, as sensações, entre outros; assim, podemos usá-los para construir qualquer pensamento que desejamos ter. Dias e Passos (2008) corrobora com os autores quando afirmam que qualquer comportamento, experiência, resultado ou resposta pode servir de recurso, isto é, todas as experiências de vida podem servir de recursos se forem contextualizadas e pontuadas, como também podem se tornar uma limitação. Assim, os autores afirmam que a ideia central é absorver toda a informação que interessa para a experiência humana e dispensar o que é excessivo e não tem utilidade.
- É impossível não se comunicar: essa comunicação é constante podendo ser tanto verbal como não-verbal. Andreas e Faulkner (1995) afirmam que até os nossos pensamentos são uma forma de se comunicar consigo mesmo.
- O significado da sua comunicação é a reação que você obtém: trata-se do *feedback*, ou seja, reflete a importância de observar como a nossa comunicação é recebida pelo outro comunicante para nos permitir ajustar o que for preciso e torná-la mais clara e eficaz.
- Todo comportamento tem uma intenção positiva: esse pressuposto retrata o fato de que até mesmo os comportamentos nocivos e agressivos têm um propósito positivo. Andreas e Faulkner (1995) exemplificam atitudes como: agredir para se defender, ou gritar para ser reconhecido.
- As pessoas sempre fazem a melhor escolha disponível para elas: este pressuposto reflete que as pessoas possuem histórias de vida únicas, aprendem o que querem no momento que querem, e isso faz com que as nossas escolhas sejam limitadas às experiências que cada um possui.
- Com os erros pode-se aprender muito: trata-se da maneira como o indivíduo encara suas experiências; isto é, as consequências de suas ações determinam o sucesso de seus projetos futuros. Dias e Passos (2008) inferem que é a partir dos erros cometidos nas diversas tentativas de acertar que o ser humano consegue aprender e aprimorar suas diversas habilidades.
- Qualquer coisa pode ser aprendida se for abordada de maneira adequada: Dittl e Epstein (1999 *apud* Dias e Passos, 2008, p.42) afirmam que se as percepções acerca de

um determinado problema ou situação forem ditas na hora certa e de forma adequada, ter-se-á um efeito melhor do que simplesmente expressar a coisa certa na hora errada ou falar a coisa certa de maneira errada, mesmo que seja na hora certa.

- Se o que se está fazendo não está funcionando, faça outra coisa. Faça qualquer coisa: tanto Dias e Passos (2008) quanto Andreas e Faulkner (1995) afirmam que se o indivíduo continua a fazer o que sempre faz, os resultados tendem a permanecer os mesmos; portanto, diante de resultados insatisfatórios ou simplesmente de querer algo novo, o ideal é que se proceda de maneira diferente.
- Os valores de um indivíduo podem ser constantes, enquanto seu comportamento pode mudar: Dias e Passos (2008) explicam que é possível ver as pessoas além daquilo que demonstram ser com determinada atitude, e assim poder valorizar o ser humano que está por trás daquele comportamento que muitas vezes não agrada; isto é, ir além das aparências.

Ainda acerca dos padrões mentais, Bandler e Grinder (1982) explicam que as pessoas pensam de maneiras diferentes apresentando sistemas representacionais classificados em: visual, auditivo ou cinestésico. Importante destacar que, segundo os autores, as pessoas apresentam em seus comportamentos os três sistemas representacionais, porém há a predominância de um em relação aos outros. Assim, eles explicam que é possível identificar esses sistemas nas pessoas através das palavras empregadas na comunicação, da maneira de olhar e de falar, dentre outras características.

De acordo com Bandler e Grinder (1982), as pessoas visuais normalmente andam inclinadas para frente, em geral são mais organizadas e valorizam a aparência, distraem-se menos com barulho, dentre outras características. Já as pessoas auditivas naturalmente falam com mais clareza, conversam consigo mesmas e distraem-se mais facilmente com barulho, tem facilidade para aprender ouvindo e gostam de músicas e de longas conversas. Por outro lado, as pessoas cinestésicas prezam pelo contato físico, gostam de atividades que envolvam sensações, movimento ou atividade física; normalmente “sentem” o mundo ao seu redor. Desta forma, Bandler e Grinder (1982) inferem que, após a identificação do sistema representacional do indivíduo, torna-se mais fácil para o comunicante estabelecer empatia estimulando a comunicação de forma compatível com as características do outro indivíduo.

Após esse breve entendimento acerca da PNL, Dias e Passos (2008) destacam a importância da aplicação da ferramenta no âmbito educacional pelo fato de ser uma forma de estimular o aprendizado humano; Cária (2013) corrobora com os autores e acrescenta que a PNL também é capaz de tornar o indivíduo sempre disposto a descobrir novas formas de aprendizagem, principalmente quando se trata de pessoas flexíveis e criativas em sala de aula. Desta forma, como será visto a seguir com maiores detalhes, a prática da PNL pode auxiliar os docentes a saberem como se portar na sala de aula e a como passar o conteúdo científico de forma mais eficiente, visando sempre ao bem-estar e ao real aprendizado de seus alunos.

#### **4. Aplicando a PNL à Docência Universitária**

Como destacado anteriormente, há normalmente um paradigma de que o aprendizado em sala de aula é linear, isto é, com direcionamento exclusivo do docente para o discente. Cária (2013) nos traz outra visão quando destaca que é necessário haver o rompimento deste padrão cultural; pois, para ela, todos os indivíduos estão num processo de aprendizagem constante ao longo da vida e, portanto, nesta relação de aprendizagem, os sujeitos se alternam em suas posições articuladamente.

Cária (2013) afirma que a comunicação é o meio que viabiliza a condução desse movimento de aprendizagem entre os sujeitos, assim, “o profissional do ensino deve saber

que um dos caminhos para acessar e atingir os alunos é melhorar o seu poder de comunicação”. Entende-se, portanto, que a programação neurolinguística, através do uso da comunicação, pode auxiliar os docentes a promoverem aulas mais dinâmicas e a estreitarem os laços existentes entre professor-aluno. Cária (2013) explica que isso, conseqüentemente, ajudaria as instituições de ensino superior no exercício da liderança e na realização de projetos através da gestão de pessoas. Para Vieira e Gaspar (2014), mais do que uma forma de melhorar a comunicação, a PNL aplicada ao contexto educacional pode ser utilizada como estratégia de prevenção de dificuldades graves de aprendizagem e da redução da necessidade de apoio especializado.

Com o intuito de comprovar a eficácia do uso da PNL como estratégia na seara educacional, Vieira e Gaspar (2014) realizaram uma pesquisa e concluíram que docentes são considerados um fator significativo para o sucesso e o desempenho dos alunos; fato que os auxiliou a deduzir que o único fator que supera a atuação de tais professores é a predisposição dos próprios alunos em aprender. Por sua vez, esta mesma pesquisa também revelou os fatores com impacto significativo para a eficiência dos professores, são eles: crenças e atitudes do indivíduo, a prática do ensino com *feedback*, comunicação adequada e objetivos claros, a relação entre professor e aluno, a autoeficácia<sup>2</sup> dos professores e o clima da sala de aula. Dentre estes fatores, Vieira e Gaspar (2014) argumentam que o *feedback* se sobressai como a influência mais poderosa para garantir a aprendizagem dos alunos.

Outro fato destacado por Vieira e Gaspar (2014) é que tanto a autoeficácia quanto o conseqüente clima de sala de aula têm ligação com as crenças desses profissionais, refletindo nas estratégias que os docentes usam para lidar com os desafios da docência, com o seu bem-estar geral, e com maneiras de motivar seus próprios alunos. Madriz (2008) corrobora com as autoras quando, diante de outra pesquisa realizada, conclui que o saber ensinado<sup>3</sup> pelo docente é normalmente influenciado pelos conhecimentos pessoais (mapas mentais, crenças, etc.) que possuem, fato que se manifesta na linguagem utilizada em sala de aula. Ilustrativamente, Vieira e Gaspar (2014) trazem a figura a seguir para demonstrar os elementos predominantes para a eficiência dos docentes.

**Figura 1 – Modelo de Interinfluência dos Fatores Promotores de Eficiência**



Fonte: Vieira e Gaspar, 2014, p.14.

Diante do exposto, é perceptível que o uso da Programação Neurolinguística e seus princípios teriam um impacto primário no próprio docente enquanto pessoa, e posteriormente,

<sup>2</sup> Segundo Vieira e Gaspar (2014), é representada pelas atitudes e satisfação dos professores relacionadas ao trabalho.

<sup>3</sup> Chevallard (1991 *apud* Madriz, 2008, p. 220) estabelece que há três tipos de saberes de acordo com sua teoria de “transposição didática”: o saber erudito (estabelecido pela comunidade acadêmica); o saber a ser ensinado (estabelecido nos programas e textos escolares) e o saber ensinado (aquele que é de fato passado para o aluno em sala de aula).

de maneira natural, afetaria seu desempenho em sala de aula. Portanto, pretende-se a partir deste ponto do texto explanar de maneira mais prática como a PNL poderia auxiliar os docentes na prática do ofício.

Corroborando as ideias mencionadas anteriormente ao citar Bandler e Grinder (1982), Tocci (2013) enfatiza que a maioria das pessoas normalmente potencializa um sistema de representação mental em detrimento dos outros ao longo da vida, característica que as deixa com pouca flexibilidade diante das diversas situações cotidianas. Considerando apenas o contexto do aluno universitário, França (2010) confirma a conclusão de Tocci (2013) e de Bandler e Grinder (1982) quando afirma que, em muitos casos, há estudantes que alcançam o ensino superior com dificuldades sérias de comunicação, configurando o não desenvolvimento dos três sistemas representacionais de forma igualitária; isto é, trata-se de uma habilidade que deveria ter sido desenvolvida no ensino médio e fundamental e que, portanto, é exigida no contexto universitário. Desta forma, os alunos com esse déficit apresentam dificuldades para visualizar mentalmente os contextos onde se inserem, além de alguns não apresentarem independência para estudar e acabam se apoiando naqueles que são mais desenvolvidos.

Por este motivo, França (2010) argumenta que é de suma importância que os docentes universitários traduzam os sistemas de representação mental de cada um de seus alunos para utilizar estratégias mentais adequadas. Dias e Passos (2008) concordam com a autora ao inferirem que essa identificação pode ajudá-los a adquirir sucesso em sala de aula, facilitando com que tais professores desenvolvam a forma como se comportam diante das novidades acadêmicas, preocupando-se em passar o conteúdo de maneira adequada, e ajudando os alunos a quebrarem qualquer barreira de aprendizado que possa existir.

O ato de prestar atenção às formas de expressão dos alunos é de suma importância, uma vez que tende a fomentar o conhecimento do próprio educador. Desse modo, o mesmo adquire um maior domínio da situação necessário para poder enfrentar as adversidades em sala de aula. (DIAS; PASSOS, 2008, p. 5).

Essa atitude nos remete a concluir que os docentes precisam entender a essência dos princípios da PNL. Ademais, França (2010) argumenta que muitos professores desconhecem a importância da ferramenta para o exercício da docência e focam exclusivamente na elaboração e transposição do conteúdo acadêmico – conforme fora discutido anteriormente no texto ao citar Cunha (2010) e Behrens (1999). Assim sendo, analisando os três sistemas de representação mental, França (2010) os explica tanto à luz do papel do docente como do discente universitários:

#### **4.1. Alunos e Professores Visuais**

França (2010) afirma que estudantes que apresentam esta característica em predominância, normalmente têm facilidade para fazer uma imagem interna sobre o que deverão realizar em suas atividades acadêmicas, antecipando-se na ação ao “visualizar” o pedido do professor. Quanto à forma de portar-se, são alunos que olham para frente e para cima preferencialmente enquanto estão aprendendo; levantam as sobrancelhas e piscam os olhos constantemente.

Esses alunos geralmente se saem bem nas leituras extraclasse pela independência que apresentam. França (2010) ainda comenta que eles sentem a necessidade de ter uma visão geral do conteúdo, apresentando detalhes sobre o que aprenderam com certa facilidade. A autora ainda acrescenta que o aluno visual se expressa bem nos trabalhos escritos, é imaginativo, e tem capacidade para planejamentos detalhados. Este tipo de aluno pode criar

regras diferentes das que são estabelecidas pelo professor e conseguir ser bem sucedido nos estudos, fato que pode torná-lo mais independente da figura do docente.

Quanto ao professor visual, França (2010) explica que este normalmente gosta de estar bem vestido e tem o hábito de utilizar cores no material didático que apresenta aos alunos. São professores que habitualmente organizam bem o material de trabalho e apresentam anotações de aula periodicamente, sempre utilizando recursos como diferenciação de cores, formas e ilustrações. A autora afirma que esse tipo de professor gosta de passar muito conteúdo e observa muito a gramática e a forma escrita. Além disso, a autora explica que às vezes pode parecer autoritário e intransigente nas regras que impõe; especialmente para aqueles alunos com representação mental diferente da sua.

Em suma, França (2010) afirma que são alunos e professores que falam mais rapidamente e usam termos específicos que lembram a característica visual como: “não está claro”, “estou vendo”, “isso se revela”, “está aparecendo”, “olhe”, “veja”, etc. São pessoas mais organizadas, observadoras, preocupadas com aparência, ordem e higiene. Normalmente não se distraem facilmente com ruídos.

#### **4.2. Alunos e Professores Auditivos**

Quanto aos alunos auditivos, França (2010) afirma que são pessoas que ouvem e repetem para si mesmo tudo que foi passado em sala de aula; é a qualidade e a entonação da voz que o faz guardar a informação para executar as tarefas. São alunos que apresentam uma memória sequenciada e têm dificuldade com leitura silenciosa; pois costumam mover os lábios para ler ou murmuram baixinho dada a necessidade que sentem de repetir para si os conteúdos. A autora explica que são alunos comunicativos que gostam muito de falar, discutir, argumentar, criar polêmicas e relembrar o que foi discutido anteriormente; costumam usar palavras desconhecidas com bom desempenho.

França (2010) explica que, por sua vez, o professor auditivo fala de maneira ritmada e aprecia as discussões e os debates em sala de aula. Gosta de solicitar leitura oral dos alunos ou ele mesmo a provoca em voz alta. São professores que parafraseiam os alunos e relembram os “sermões” que deram anteriormente. A autora acrescenta que são pessoas que naturalmente dispensam o conteúdo didático para contar fatos e relatar situações que podem ou não estar relacionados com o assunto da aula; contudo, esta característica pode irritar os alunos visuais que normalmente começam a achar que o professor está “enrolando” o conteúdo da disciplina. Por fim, são docentes que gostam de utilizar músicas, poemas ou outros recursos melódicos para ensinar.

Como característica geral, França (2010) explica que são pessoas que falam bem, gostam de música e conseguem imitar a voz de outras pessoas e animais; assim, costumam produzir sons quando falam, tais como “Hummm!” , “Ahhhh!” “Chiiii”, etc. A autora também salienta que utilizam termos padrões como: “não estou ouvindo”, “eu falo”, “ele disse”, “não soa bem”, “isso me ensurdece”, “ai que barulho!” etc; além de terem facilidade de se distrair com ruídos e conversas paralelas.

#### **4.3. Alunos e Professores Cinestésicos**

Os alunos com característica cinestésica sentem a necessidade de realizar muitos movimentos podendo chegar a ser muito inquietos; têm dificuldades para ficar ouvindo ou lendo instruções preocupando-se sempre em estar mexendo em algo como uma forma de liberar sua energia motora. Por isso, França (2010) explica que são alunos que se identificam

mais com aulas dinâmicas, de preferência com movimento corporal. Além dessas características, a autora explica que esses alunos normalmente interrompem a leitura e fazem gestos para processar e entender as informações passadas; contudo, nem sempre conseguem ser claros na forma de se comunicar, podendo ser monossilábicos às vezes – preferindo um diálogo reduzido. França (2010) também acrescenta que eles apresentam uma escrita mais grossa e com pressão no papel, balançam muito as pernas, e sentem vontade de rabiscar ou manipular outros objetos enquanto aprendem. Em suma, a autora explica que para incentivar o aluno cinestésico a agir, o seu sistema nervoso precisa receber estímulo para memorizar o que foi pedido em sala de aula; portanto, um professor que consiga dramatizar mais as situações referentes ao conteúdo terá facilidade para ser compreendido.

Por sua vez, os professores com características cinestésicas não respeitam muito a organização de objetos, optando por espalhar seus materiais em diferentes lugares, gostam de propor a realização de projetos e trabalhos em grupo, não dão tanta importância à aparência pessoal nem à estética dos materiais que usam, consideram mais os conceitos que as formas gramaticais da escrita, e estabelecem relações afetivas com mais facilidade com os alunos. França (2010) explica que são docentes que normalmente falam devagar, utilizam e manipulam objetos para servirem de exemplo, e têm habilidade para criar dinâmicas em sala de aula.

De forma geral, França (2010) infere que as pessoas cinestésicas normalmente falam com voz lenta, às vezes baixa; utilizam expressões tais como: “estou sentindo”, “sacou”, “pegou”, “isso me toca”, “pegar o sentido”, entre outros; gostam de tocar as pessoas enquanto falam e de estar próximo delas. São pessoas mais intuitivas que captam facilmente os sinais gerais de contexto onde estão.

Após o entendimento das características supracitadas tanto para professores como para alunos, França (2010) deduz que a combinação do sistema de representação mental de ambos facilita a aprendizagem em sala de aula, pressuposto que vai ao encontro com os estudos de programação neurolinguística de Bandler e Grinder (1982). Porém, em casos de divergências, a autora explica que há a necessidade de maior flexibilidade por parte do aluno para traduzir as informações dos professores de maneira mais rápida. Assim, esses alunos que precisam se flexibilizar ficam tensos para aprender, situação que pode ser administrada pelo docente uma vez que, observando o sistema de representação mental do aluno com dificuldade, poderá desenvolver alguma atividade lúdica como criar metáforas, fazer brincadeiras positivas, contar histórias, relacionar o conteúdo com a realidade, utilizar conteúdos artísticos, entre outras estratégias didáticas para provocar a motivação deste aluno.

França (2010) explica que essas atividades lúdicas a serem desenvolvidas pelos professores são consideradas de “trabalho multisensorial” para tornar a aprendizagem mais eficiente. Assim, o professor adquiriria a habilidade de abranger todos os tipos de alunos através de uso de recursos didáticos visuais (imagens, cores, formas, luz), auditivos (música, rimas, debates), e cinestésicos (vivências, mímicas, esportes).

Além disso, França (2010) infere que também é importante que o docente identifique o seu próprio tipo de representação mental com o intuito de detectar suas tendências predominantes e o efeito que elas podem provocar em seu desempenho na sala de aula. A autora explica que essa identificação é ainda mais importante para o docente manipular estratégias de como trabalhar com aqueles alunos cujo sistema de representação mental seja destoante do seu.

Depois de tudo o que foi exposto, considera-se relevante ressaltar a opinião de Dias e Passos (2008) quando afirmam que a Programação Neurolinguística tem sido um instrumento eficaz de ajuda ao docente para a formação crítica e construção do saber do aluno; os autores acreditam que a razão disso é o fato de a PNL exigir uma mudança de mentalidade e de postura do professor perante o estudante, quebrando a cultura do paradigma newtoniano-

cartesiano de ensino, conforme destacado por Behrens (1999). Mais que uma simples mudança, Dias e Passos (2008) argumentam que a PNL acaba provocando uma completa reestruturação dos próprios valores e crenças a respeito da educação e do papel do educador.

## 5. Considerações Finais

A partir do que foi exposto neste artigo, tornou-se possível compreender a complexidade da docência no Ensino Superior, pelo fato de o professor universitário ser considerado um profissional múltiplo por possuir atividades que englobam a pesquisa, as orientações, o ensino, dentre outras atividades. Desta forma, diante de tantas atribuições, foi constatado que empiricamente a sala de aula acaba sendo negligenciada e mascarada por uma cultura em que o aluno é sempre a figura passiva no momento da aprendizagem, cabendo-lhe apenas a absorção do conhecimento.

Contudo, conclui-se que as inovações tecnológicas tem proporcionado aos estudantes uma maior facilidade de acesso às informações, fato que naturalmente possibilita a existência de um perfil cada vez mais proativo em sala de aula. Assim, é possível compreender que cada vez mais se torna necessário quebrar essa cultura newtoniana-cartesiana, a partir do momento em que se compreende que o aprendizado não é necessariamente unilateral.

O objetivo deste artigo foi, portanto, comprovar que uma efetiva aplicação da PNL na docência universitária pode ajudar a alcançar a quebra deste paradigma tradicional. Desta maneira, concluiu-se que a Programação Neurolinguística é uma ferramenta que possibilita o desenvolvimento de habilidades de comunicação durante as aulas, auxiliando o professor universitário no acompanhamento do aprendizado do aluno, e não apenas na transmissão do conteúdo científico.

Contudo, também foi exposta no texto a importância de o docente universitário identificar o sistema de representação mental que predomina em si, bem como aqueles que precisam ser desenvolvidos; pois sua aula conseqüentemente irá refletir seu tipo de representação mental predominante, podendo ser necessária a existência de certos ajustes para provocar o entendimento de alguns alunos acerca do conteúdo transmitido. Além disso, foi discutida a importância de o docente ter consciência da necessidade de estar livre de padrões mentais; ou seja, para aplicar a PNL em suas aulas, é preciso que ele saiba aplicar em si mesmo, fato que requer mudança de mentalidade e postura perante o aluno.

Portanto, sugere-se que as Universidades promovam cursos práticos de PNL na formação de seus professores, no intuito de provoca-los para uma melhor forma de lidar com os alunos, como também de aos poucos conseguir quebrar a tradição de que o aluno é apenas um “figurante passivo na arte de aprender”.

## REFERÊNCIAS

ANDREAS, S.; FAULKNER, C. **Programação Neurolinguística**: a nova tecnologia do sucesso. Editora Campus: Rio de Janeiro. 10 ed. 1995.

ARAGÃO, M.; FREITAS, A. G. B. Práticas dos Castigos Escolares: enlances históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1648/1024>. Acesso em: 17 de jul. 2015.

BANDLER, R. **Get the Life You Want**: the secrets to quick and lasting life change with neuro-linguistic programming. Health Communications, Inc. Florida. 2008, 229p.

BANDLER, R.; GRINDER, J. **Sapos em Príncipes**: Programação Neurolinguística. Editora Summus: São Paulo. 1982, 224 p.

BEHRENS, M. A. A Prática Pedagógica e o Desafio do Paradigma Emergente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.80, n.196, p.383-403, set/dez 1999.

CÁRIA, N. P. Programação Neurolinguística (PNL) e o gerenciamento da sala de aula. **Artigonal**. 24 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/programacao-neurolinguistica-pnl-e-o-gerenciamento-da-sala-de-aula6609536.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

CUNHA, M. I. Docência na Universidade, Cultura e Avaliação Institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n. 32, mai/ago, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a05v11n32.pdf>. Acesso em: 19 de jul. 2015.

DIAS, R. G.; PASSOS, J. S. Contribuições da Programação Neurolinguística no Contexto Educacional. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 3, n. 5, p. 38-46, jan/jul 2008.

FRANÇA, E. E. Sistemas de Representação Mental e Estilos de Aprendizagem na Recuperação dos Alunos. 2010. Disponível em: < <http://download.golfinho.com.br/estilosdeaprendizagem.pdf>>. Acesso em: 12 de jul. 2015.

GUILLERMO, G. C. H.; COVARRUBIAS, G. Identificación de Sistemas Representacionales para una Innovación de la Práctica Docente. **2º Foro de Investigación Educativa**. 2007. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ipn.mx/handle/123456789/2865>. Acesso em: 21 de jul. 2015.

MADRIZ, J. L. Proceso de Transformación del Saber Enseñado, Centrado em la Comunicación Didáctica Docente-Alumno, desde el Enfoque de la PNL. **Multiciencias: Nucleo Punto Fijo – Universidad del Zulia**, vol. 8, 2008, nº extraordinario, p. 219-227.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, S. C. O Processo de Ensino-Aprendizagem e a Relação Professor-Aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”. **Cadernos de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 08, nº 1, janeiro/março 2001. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/v08-1art07.pdf>>. Acesso em: 13 de jul. 2015.

SANTOS, C. P.; SOARES, S. R. Aprendizagem e Relação Professor-Aluno na Universidade: duas faces da mesma moeda. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 353-370, maio/ago. 2011. Disponível em: Acessado em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1641/1641.pdf>. Acesso em: 19 de jul. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA. **A PNL e a Sua Vida Pessoal**. 2011. Disponível em: <<http://pnl.com.br/arquivos/25.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

TOCCI, A. M. Estilos de Aprendizaje de los Alumnos de Ingeniería Según la Programación Neurolingüística. **Revista Estilos de Aprendizaje**, nº12, vol. 11, 2013.

VEIGA, I. P. A. Formação de Professores para a Educação Superior e a Diversidade da Docência. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 327-342, mai/ago. 2014.

VIEIRA, C. R.; GASPAR, F. PLENatITUDE: promover a eficiência e bem-estar docente. Programação Neurolingüística aplicada ao contexto escolar. In: \_\_\_\_\_. **Formação em Educação Especial no Centro de Formação de Associação de Escolas Nova Ágora – 2012-2013**. Fundação Calouste Gulbenkian, Série Cadernos da Formação nº 4, 2014, p. 8-37.